

ISBN-13: 978-987-27772-2-5

Título: Actas del I Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas

Editorial: Investigaciones en Artes Escénicas y Performáticas

Edición: 1a Ed.

Fecha publicación: 8/2012



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-CompartirIgual 3.0 Unported](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/).

Corpo de mulher em roupa de homem:

O corpo de mulheres nas pescas em Santa Catarina, Brasil¹

Rose Mary Gerber²

Resumo: O corpo na pesca é moldado por roupas grossas, calças compridas, botas, meias, luvas, gorros que são vistos e considerados pelas pescadoras com as quais venho convivendo como *masculinas*. São calças que permitem uma mobilidade corporal, sobrepostas por macacão de oleado feito para homens, cujo desenho frontal, na maioria das vezes representando uma abertura para dar vazão ao pênis, não deixa dúvida. Gorro, macacão, capa e botas transformam os corpos e todos ficam mais ou menos iguais. Homens e mulheres. As pescadoras consideram que esta construção do corpo para/na pesca é um dos fatores que faz com que se tenha a idéia de que não existem mulheres pescadoras e de que elas não embarcam tendo em vista que os corpos femininos desapareceriam por trás de roupas feitas para corpos de homens. Por outro lado, se como diz Csordas (1999), o corpo é um campo fértil para a antropologia, também o é para pensar o ofício e o fazer-se antropólogo, antropóloga. Não são só os corpos dos *outros* que se constroem. Vi meu corpo sendo moldado ao/no campo. Deixei de fazer as unhas para ficarem mais grossas e, portanto, mais protegidas do vento, do salitre, do sol ou de

1

☐ Trabalho apresentado no “1er Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre cuerpos y corporalidades en las culturas”. Dias 01 e 03 de agosto de 2012, em Rosário, Santa Fé, Argentina.

2

☐ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC), Brasil, orientanda da Professora Dra. Sônia Weidner Maluf.

possíveis cortes; passei a usar o cabelo sempre bem preso. O traje imitava o das pescadoras: calça comprida sobreposta por macacão de oleado, capa e gorro para as manhãs frias. Ou seja, também o meu, um corpo, de certa forma, masculino.

Palavras-chave: Corpo, Mulheres, Pesca.

Este texto aborda algumas reflexões sobre corpo e corporalidade a partir de minha pesquisa, ainda em andamento, com mulheres pescadoras artesanais em Santa Catarina, Sul do Brasil. Inicialmente apresento algumas breves considerações sobre a metodologia do trabalho de campo. Na seqüência, falo sobre quem são estas mulheres e sobre o que poderíamos chamar de uma corporalidade da profissão materializada no, às vezes prematuro, desgaste físico, em especial nas mãos utilizadas de forma contínua nos muitos afazeres que realizam.

A seguir, me refiro à indumentária necessária para exercer a profissão da pesca, profissão esta aprendida, na grande maioria das vezes, com seus pais ou seus maridos. Segundo as pescadoras, esta construção do corpo para/na pesca seria um dos fatores que faz com que se tenha a idéia de que não existem mulheres pescadoras e de que elas não embarcam tendo em vista que os corpos femininos desapareceriam por trás de roupas feitas para corpos de homens, como calças largas, gorros, luvas, macacão, além do próprio trabalho que realizam.

Para encerrar o texto, me inspiro em Csordas (1999), para quem o corpo é um campo fértil para a antropologia e propondo que o corpo, além de ser um campo central para a antropologia, também o é para pensar o ofício e o fazer-se antropólogo, antropóloga, tendo em vista que nossos corpos também se constroem no fazer antropológico. Trago como exemplo a minha experiência em que, para realizar a pesquisa

a qual me propus, vi meu próprio corpo sendo moldado ao/e no campo em poderíamos ponderar que seria também o meu, um corpo, de certa forma, masculino.

Optei por mergulhar³ no trabalho de campo por meio da vivência de uma observação participante-etnográfica⁴, em que conversas informais e observações-participações vivenciadas nas casas das pescadoras, nos ranchos de pesca, nas embarcações ou nos locais de sociabilidade coletiva, como bancas de comercialização de pescado⁵ e salões de igrejas, foram essenciais para eu, remetendo-me a Malinowski (1976), *me sentir realmente em contato com as mulheres*, vendo e ouvindo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998) na busca por compreendê-las a partir de uma imersão intensa em seus cotidianos (DE CERTEAU, 1996; DE CERTEAU, GIARD E MAYOL, 1997).

A partir da constatação de que, embora raras, existem mulheres que embarcam na pesca artesanal em Santa Catarina, Brasil, sai em busca destas pescadoras, pautada por algumas questões: como se dá este aprendizado? Por que escolheram ser pescadoras e não apenas permanecer *mulher de pescador*? Como vêem seus próprios corpos e suas corporalidades? Quem são, onde estão, como vivem, o que pescam, como pescam estas

3

☒ Expressão utilizada por minha orientadora quando discutimos aspectos de meu trabalho de campo e que diz respeito à me aprofundar no trabalho de campo de forma intensa.

4

☐ Oliveira (2008, p.36) aborda esta questão da observação participante e etnográfica. Diz o autor que “mesmo considerando que a observação participante é a principal técnica de inserção de campo do antropólogo [...], é necessário atentar-se para o detalhe de quando uma observação participante deixa de ser somente uma observação para ser uma observação etnográfica”. Ou seja, o que vamos pinçar a partir do que vimos e vivenciamos em campo para compor nossos textos etnográficos.

5

☐ Uso o termo pescado para me referir aos produtos retirados do mar: peixe, camarão siri, lula, etc.

mulheres? Fui seguindo pistas a partir do que me apontavam alguns colegas de trabalho⁶ e pescadores nas praias que percorri, além de notícias encontradas em recortes de jornais. Não me desloquei de uma só forma. Pedi carona, fui de ônibus e de carro próprio. Percorri a BR 101, que cruza o estado de Santa Catarina, e também fiz travessias de balsas, dependendo de onde queria chegar. Em cima do mapa de Santa Catarina, fui criando um mapa de meus deslocamentos e, por conseguinte, o mapa de onde encontrei as pescadoras.

Maanen (2004) se refere ao que denomina de *fim da inocência* sobre pensar-se que a etnografia emergiria mais ou menos naturalmente a partir de uma simples estada em campo. O autor enfatiza que a etnografia não estará dada em um primeiro momento, mas precisará ser construída no aguçamento do olhar em campo. Neste direcionamento, pondero que a imersão em campo deve ter os sentidos voltados para a observação de sutilezas, a exemplo do antropólogo inocente de Barley (1983, p. 63), em que é preciso tempo para apreender as implicações do dito sobre diferentes coisas, em diferentes tempos para diferentes pessoas onde a relação entre antropóloga e pescadoras só foi possível com um mergulho profundo nas águas em que estas mulheres se adentram diariamente, vindo a compor um período de 12 meses de trabalho de campo com mulheres pescadoras que atuam na pesca artesanal de Santa Catarina.

As pescadoras que compõem minha pesquisa são mulheres que trabalham com seus maridos, filhos, irmãos. Elas são as suas *camaradas*⁷. Tem baixo nível de escolaridade, sendo algumas semi-analfabetas ou analfabetas, pois tiveram que ir pescar

6

▣ Atuo como profissional na Epagri (Empresa de pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), cuja ação nos 293 municípios do Estado é com populações pesqueiras, agrícolas e indígenas.

7

□ Nos locais que percorri em Santa Catarina, *camarada* é o nome dado aos pescadores e pescadoras que trabalham juntos em uma embarcação.

cedo com seus pais, entre os dez, oito, nove anos de idade. Apenas uma delas tem nível superior com formação em pedagogia. Embora seja uma vida difícil, que oscila entre a abundância e a miséria dos pescados, todas as pescadoras têm em comum o que denominam *amor, gosto, paixão, vício pela pesca*, o que por vezes pode provocar uma dificuldade para compreender uma situação em que, se por um lado, elas afirmam as dificuldades desta vida, por outro dizem que sem a pesca não conseguem mais viver.

Geertz preconiza que “a compreensão depende de uma habilidade para analisar seus modos de expressão [...] e o sermos aceitos contribui para o desenvolvimento desta habilidade” (GEERTZ, 2008, p. 107). Parece-me central que o desenvolvimento desta habilidade para compreender nossos interlocutores também passe por nossa aceitação em campo, pois é esta aceitação que viabilizará o tempo de permanência necessário para acessarmos seus modos de expressão e de vida o que, muitas vezes, implica em uma disposição física, corporal, afetiva e emocional para atender algumas exigências que dizem respeito às afetações (FAVRET-SAADA, 2005; LATOUR, 2004). Se inicialmente fiz um percurso pelo litoral de Santa Catarina objetivando encontrar estas pescadoras, após este período minha orientadora me instigou a *mergulhar* de forma mais enfática no campo e, assim, escolhi um dos locais entre as praias que tinha anteriormente percorrido para aprofundar o exercício etnográfico ao qual me propunha no sentido preconizado por Maanen (2004).

Foi assim que no decorrer de minha pesquisa, foi possível constatar que o corpo destas mulheres apresenta um rápido desgaste físico em que a profissão da pesca deixa suas marcas na corporalidade e nos seus corpos, seja no rosto vincado pela exposição diária ao salitre, ao vento, ao sol, que, de forma geral, lhes fixa na face mais idade do que a registrada em seus documentos, seja nas dores nas costas e nas pernas inchadas pelos longos períodos em que ficam em pé limpando, descascando, filetando, transformando os pescados *frescos* em produtos a serem postos à venda.

Um dos focos centrais de seus corpos em termos de uso e desgaste está nas mãos que são usadas de forma frenética por homens e mulheres embarcados para puxar, jogar, remendar redes e tarrafas; e pela grande maioria de mulheres em terra, para eviscerar peixes, limpar siri, descascar camarão, fazer ou remendar redes, entre muitas outras

atividades que fixam em seus corpos, ao longo do tempo, formas específicas de ser e estar no mundo. Entra aqui a questão do que vem se denominando de materialidade. Maluf (2009, p. 14) pontua que a materialidade do gênero não é o sexo biológico, mas os efeitos da diferença (social, simbólica e política) nos corpos, na vida e na trajetória e experiência cotidiana das mulheres. O uso no plural diz respeito à diferença, em que, concordo com Maluf, diferentes mulheres implicam em diferentes materialidades que precisam ser abordadas, compreendidas, consideradas.

Em relação às mulheres pescadoras, o tempo vivenciado nas pescas imprime aos seus corpos formas específicas desta materialidade se mostrar, seja nas mãos, no vestir, no sentar, no caminhar em que elas próprias reconhecem como diferentes os seus próprios corpos se comparados a outras mulheres que não atuem nas pescas. Tornou-se comum ouvir em campo uma alusão ao corpo como prova da profissão em que as mãos seriam a principal evidência do trabalho como pescadora: mãos de pele muito grossa ou muito fina, inchadas, secas por um lado devido aos ferimentos causados por espinhas, ossos de peixe ou cascas de camarão e, por outro, com unhas extremamente frágeis devido ao constante contato com a água. Neste caso, é um corpo-mão que testemunha o percurso de uma trajetória de vida diferenciada que emerge na materialidade que aquele corpo, de forma muito peculiar, registra. Um corpo treinado dia após dia, tal qual o perfumista preconizado por Latour (2004).

Será que vás marear⁸? Esta foi a primeira pergunta que ouvi de algumas das pescadoras quando conversamos sobre a possibilidade de eu sair para o mar com elas visando melhor compreender o cotidiano desta profissão que tem como um dos espaços centrais a embarcação. O fato de uma pessoa marear, enjoar, passar mal em uma embarcação significa incomodo para os que estão pescando onde, em princípio, três possibilidades são possíveis: a) levar a pessoa mareada em terra; b) aplicar-lhe cuidados

8

☒ Marear é sinônimo de enjoar que, geralmente, inicia com um mal estar e deságua em vômito.

com medicação tentando uma melhora rápida; c) deixá-la em um canto da embarcação e continuar a pesca normalmente. Como eu não queria colocar em risco, tanto o trabalho das pescadoras, como a oportunidade de realizar esta pesquisa, mesmo não tendo nunca enjoado antes, sempre levava comigo suprimento de medicação própria para enjoos, caso se fizesse necessário.

Segunda questão: Mas não vás vir neste horário. Ou vás? Uma pergunta feita inicialmente de forma provocativa, mas que também visava me colocar à prova: acordar em um horário muito cedo. Este aspecto referia-se ao horário em que começa o dia a dia destas mulheres e que, portanto, deveria começar o meu durante a pesquisa de campo e que diz respeito a levantar duas, três, seis, quatro, cinco horas da manhã, depende o tipo de pescaria que estivesse acompanhando, onde me vi tendo que exercitar meu corpo para acordar um pouco, ou muito antes do habitual.

As exigências que as mulheres enfrentam nesta profissão são profundas, passando pelo adestramento do próprio corpo para as horas no mar, resistindo ao frio, à possibilidade de enjoão e, o mais difícil para mim, o controle da própria bexiga haja vista que não há, nas pequenas embarcações artesanais, espaço apropriado ao momento privado de ceder às necessidades fisiológicas. Tirar o macacão com a embarcação balançando é uma tarefa que exige atenção. Se para os homens baste retirar o pênis pela lateral para ceder à vontade de urinar, por exemplo, para as mulheres, o exercício é um pouco mais complexo, pois, ou a mesma se senta na borda da embarcação ou se utiliza de um pote de plástico para tal, o que, de toda forma, exige destreza para não cair da embarcação ou não tomar um banho com a própria urina.

Tens macacão? Tal questão referia-se ao que eu deveria usar e como deveria estar quando em campo: macacão de oleado⁹, botas maiores do que o próprio pé para facilitar

⁹ Macacão feito de uma espécie de plástico grosso, cujo nome advém de épocas passadas em que os pescadores literalmente passavam óleo na roupa para que tivesse uma maior durabilidade, segundo depoimento oral.

retirá-las em caso de naufrágio, gorros, casaco e cabelo sempre bem preso para evitar acidentes na embarcação. Estes itens são exemplos visíveis das exigências e da indumentária necessária a uma profissão tão específica como a da pesca que molda os corpos que ficam escondidos atrás de camadas de tecido ou do plástico grosso dos macacões. Esta indumentária é considerada pelas pescadoras com as quais venho convivendo como *masculina*; como *roupa de homem*.

Imagem 01: Macacões de oleado.

Resumindo o que me dizem, *é um corpo de mulher em roupa de homem*. É composta de calças que permitem uma mobilidade corporal, sobrepostas por macacão de oleado feito para homens, cujo desenho frontal, na maioria das vezes representando uma abertura para dar vazão ao pênis, não deixa dúvida. Gorro, macacão, capa, luvas e botas transformam os corpos e todos ficam mais ou menos iguais. Homens e mulheres. As pescadoras consideram que esta indumentária contribui para a construção do corpo para/na pesca e é um dos fatores que faz com que se tenha a idéia de que não existem mulheres que embarcam tendo em vista que os corpos femininos desapareceriam por trás de roupas feitas para corpos de homens.

Quem vai dizer que nós estamos no mar se quem olha de longe parecem todos homens? Parece ser tudo o mesmo corpo com a mesma roupa. (Márcia)

Por isso que dizem que não tem mulher na pesca. A roupa que usamos é roupa de homem. Nosso corpo vira um corpo de homem: é calça larga, macacão, bota grande, luva. Tudo é roupa de homem. Não existe roupa de mulher na pesca. (Iliete)

Eu mesmo já me acostumei. Não sei andar de saia ou de vestido. Eu, de saia ou de vestido me sinto nua. É assim. Acostumei desde muito nova nesta profissão. (Nair)

Aos questionar-lhes o porquê de suas afirmações, o tempo na/da pesca emergia como central. Diziam-me que são anos vividos na/da e para a pesca onde muitas começaram aos oito, nove anos de idade e viram seus corpos sendo, de tal forma, modelados pela pesca, e a pesca sendo modelada por elas, que muitas já não conseguem se vestir ou andar com roupas que não sejam as que a pesca exige, como calças

compridas, confortáveis e largas, conforme se refere a senhora Nair, 63 anos, desde os oito na pesca. Trata-se de corpos que são reconhecidos pela comunidade onde vivem e que se reconhecem e são exigidos em força, agilidade, coragem, mas que também se mostram muito leves quando seguem o ritmo do mar, como se fossem já parte ou continuidade das próprias embarcações. Talvez formando o que poderíamos chamar de um corpo-embarcação, ou, por outro lado, talvez seja já uma embarcação-corpo.

Maluf (2001) resume a questão sobre corpo e, em conseqüência, corporalidades, quando afirma que “o corpo está em cena” em que percebemos que o corpo constitui-se parte das preocupações centrais de inúmeras disciplinas. No caso da antropologia, se formos olhar o percurso do corpo como objeto de estudo, pode-se ver que, se inicialmente aparece de forma sutilizada, a seguir e gradativamente, ganha destaque e atualmente, parece-me, constitui-se em uma temática central que nunca esteve tão em evidência. Conforme pontua Maluf (Idem), “tanto nos estudos acadêmicos como em fenômenos sociais recentes e em diferentes manifestações da cultura contemporânea”. O corpo e as corporalidades emergem, sejam nos estudos sobre fabricação de corpos, processos terapêuticos e de cura, religiosidades, estudos de violência, corpos para trabalhos leves ou pesados, conforme denominou Paulilo (1987), corpos que assimilam “coisas de homem e de mulher”, a exemplo das mulheres da pesca com as quais venho mantendo uma interlocução mais próxima, entre muitas outras possibilidades. É aí, em meio a estas discussões e experiências que, me parece, os corpos e as corporalidades dos próprios antropólogos e antropólogas também emergem.

Imagem 02: Mulher, homem; a mesma roupa: de homem.

Csordas (2008) preconiza que o corpo que está em crise diz respeito à idéia de que existe um substrato biológico e natural que seria transformado no corpo socialmente circunscrito a partir da intervenção da cultura. Neste sentido, Csordas vem contribuir com a discussão sobre esta temática que *está em cena*, como resume Maluf

(2001) quando diz que o corpo é visto numa perspectiva de agência. Para ele, o corpo é *agente e experienciador*, o que advém de uma noção de *embodiment*¹⁰ que se pauta na fenomenologia pós-estruturalista ou pós-moderna. A partir daí, Csordas busca problematizar dicotomizações, tais como natureza/cultura, ao mesmo tempo em que procura escapar da idéia de corpo como um objeto em que a realidade social seria inscrita. É com este pano de fundo que o autor formula a idéia de *corpos sujeitos* - ao invés de objetos - de cultura em que o foco não se volta para as representações simbólicas que tomam o mundo como realidade exterior aos corpos, mas para as práticas e o *estar no mundo*. Csordas (2008, p.101) argumenta que o paradigma do *embodiment* pode ser elaborado para o estudo da cultura e do sujeito, sendo que sua perspectiva advém da antropologia psicológica na direção da fenomenologia que “parte da premissa metodológica de que o corpo não é um objeto a ser estudado em relação à cultura, mas é sujeito da cultura; em outras palavras, a base existencial da cultura” (p.102). O corpo seria o *locus* em que emergem afetações, sendo este não *objeto receptor*¹¹, mas um *sujeito agenciador* das inúmeras possibilidades em que estas afetações se dão.

O que é um corpo? (LIMA, 2002). Seria o corpo, além de um tema caro à antropologia, o principal meio/sujeito para fazer-se/fazer-nos antropólogo ou antropóloga? Seria ele, o corpo, o sujeito central no qual as afetações com as quais nos deparamos deixam marcas no processo de fazermos-nos profissionais da antropologia? Latour (2004) entende que corpo é o oposto de estar morto e que ter um corpo é ser afetado, é estar apto e aprender sobre afetações no sentido de que é por ele, o corpo, que aprendemos a aprender posto que seja relacional. Há assim, segundo Latour,

10

☒ Assumo aqui a posição de Maluf (2001, p. 101) que mantém a expressão em inglês *embodiment* visando acentuar o paradigma teórico proposto por Csordas. Concordo que é melhor não traduzir alguns termos do que utilizar neologismos desnecessários.

11

☒ Grifos meus.

gradativamente, a construção de corpos que reagem de diferentes formas a odores, imagens, sons, por exemplo, em que o corpo/sujeito está onde o aprender a ser afetado se mostra. Enfim, nossos corpos se submetem às afetações como momentos do fazer-se antropólogo ou antropóloga em que não apenas alegrias, superações, conquistas, mas também dores, emoções, tumultos internos, lembranças, se tornam ingredientes para aprendizados que dizem respeito a “aprender a ser afetado” (LATOURE, 2004), e que compõem nossos percursos.

Finalizando este breve texto, sigo em meu diálogo com Maluf (2001), e concordo quando a mesma assinala que cabe então perguntar se estamos tratando do mesmo corpo frente aos inúmeros fenômenos com os quais nos confrontamos em que questões sobre sujeitos, agenciamentos, fabricação, entre outras, precisam ser investigadas e problematizadas. Por outro lado, embora tenhamos que nos questionar sobre que corpo e de qual viés se está falando quando se fala, as discussões reverberam cada vez mais profundamente nos espaços de discussão da antropologia. Um exemplo profícuo que aqui faço alusão diz respeito à Maluf (2001), que traz um rico material em que, após percorrer autores como Mauss, Hertz, Leenhardt, Foucault, se embrenha em uma discussão sobre contemporaneidade e pessoa, aludindo ao fato de que é central conectar a uma discussão sobre corpo e corporalidade, uma reflexão sobre pessoas e suas formas culturais específicas considerando que somos produtos e produtores de corpos, culturas, sujeitos.

Se certas experiências sociais contemporâneas, como nas sociedades ameríndias, estão voltadas para a “fabricação de corpos” que – investidos de agência e subjetividade – “fabricam cultura”, é também da fabricação de pessoas (e de sujeitos) que se trata. Elas também, não sendo uma “coisa dada”, são produto e produtoras de sentidos e de novas experiências (MALUF, 2001, p. 99).

Imagem 03: Antropóloga e pescadora se arrumando para sair ao mar.

Entendo que em meio a estas experiências sociais contemporâneas, também nós, antropólogos e antropólogas, somos construídos e nos construímos nos interstícios do exercício antropológico em que emergem corpos antropólogo e corpos antropóloga posto que os deslocamentos que o corpo antropólogo percorre nem sempre são permitidos ou pensados pelo corpo antropóloga, e vice-versa. Outra faceta diz respeito a como apresentamos nossos corpos e nossas corporalidades em campo em que muitas são as composições, criações ou fabricações onde acionamo-nos de formas diferenciadas, em corpo olhos, corpo ouvidos, corpo entranhas, corpo mãos em que somos parte da construção de sentidos e de novas experiências sociais onde emergem aprendizados sobre afetações e corporalidades. Somos assim, e de forma inescapável, produtos e produtores de corpos e de sujeitos.

Se, como diz Csordas (1999), o corpo é um campo fértil para a antropologia, também o é para pensar o ofício e o fazer-se antropólogo, antropóloga. Não são só os corpos dos *outros* que se constroem. Nossos corpos estão continuamente se construindo em/pelo campo. Neste sentido, vi meu próprio corpo sendo moldado ao/no campo à medida que o meu tempo naqueles espaços transcorria. Deixei de arrumar as unhas para ficarem mais grossas e, portanto, mais protegidas do vento, do salitre, do sol ou de possíveis cortes; passei a usar o cabelo sempre bem preso para evitar acidentes que pudessem ocorrer com os cabelos soltos como, por exemplo, ficarem retidos nos eixos dos barcos em que muitas mulheres já se viram carecas ou escarpeladas.

A obediência à indumentária exigida foi cumprida e imitava o traje das pescadoras: calça confortável comprida sobreposta por macacão de oleado, blusas de manga comprida, capa de chuva e gorro para as manhãs frias, botas maiores do que os pés dando ao meu corpo uma forma disforme de meu próprio corpo. Ou seja, também eu fui me construindo e me deixando meu corpo ser construído pela pesca no decorrer da pesquisa de campo. Poderíamos dizer que também o meu se tornou, um corpo, de certa forma, masculino.

Referências

BARLEY, Nigel. "Is the sky clear for you?" In: *The innocent anthropologist: notes from a mud hut*. (1983). London: British Museum Publications Ltda., p. 51-67.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. (1998). São Paulo/Brasília: Unesp/Paralelo 15.

CSORDAS, Thomas. A corporeidade como um paradigma para a antropologia. In: *Corpo, significado, cura*. (2008). Porto Alegre: Ed. UFRGS, p. 101-145.

_____. The body's career in Anthropology. In: MOORE, Henrietta. *Anthropological Theory Today*. (1999). Cambridge: Polity Press, p. 172-205.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. (1978). Rio de Janeiro: Zahar, p.23-35.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano. Artes de Fazer*. (1994). 2 ed. Petrópolis: Vozes.

DE CERTEAU, Michel, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar*. (1997). Petrópolis: Vozes.

FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado". (2005). Tradução de Paula Serqueira, revisão de Tânia S. Lima. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161.

- GEERTZ, Clifford. *O saber local*. (2008). 10ªed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- LATOUR, Bruno. How to talk about the body? The normative dimension of science studies. In: *Body & Society*. (2004). V. 10 (2-3): 205-229.
- LIMA, Tânia S. O que é um corpo? In: *Religião e sociedade*. (2002). N. 22, p. 9-19.
- MAANEN, John Van. And end to innocence. The ethnography of ethnography. In: HESSE-BIBER, Sharlene Nagy. *Approaches to qualitative research*. (2004). New York: Oxford University Press.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do pacífico ocidental*. (1976). São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores, v. XLII, jun.
- MALUF, Sônia Weidner. *Antropologia, narrativas e a busca do sentido*. (1999). Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, v. 5, n. 12, p. 69-82.
- _____. *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. (1993). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- _____. *Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. Esboços*. (2001). PPGH/UFSC, v. 9, p. 87-101.
- _____. *Por uma antropologia do sujeito: esboços*. (2009). Florianópolis.
- OLIVEIRA, Marcelo José. *Entre amigos. Antropologia da homosociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis*. (2008). Tese de Doutorado apresentada ao PPGAS/UFSC.
- PAULILO, Maria Ignez. O peso do trabalho leve. In: *Ciência Hoje*. (1987). Rio de Janeiro: SBPC, v.5, n.28, p.64-70, jan/fev.
- VEEN, Couze. Individuation, relationality, affect: rething the human in relation to living. In: *Body & Society*. (2010). V. 16 (1): 129-161.